

Ação social Fornecimento de energia e internet possibilita a moradores fazer cursos e empreender

Luz do Sol leva cidadania a ribeirinhos do AM

Carin Petti

Para o Valor, de São Paulo

A amazônica Luziete Hipy vende roupas por aplicativo de mensagens, motivada por um curso que fez on-line. Grávida de sete meses, também recorre à internet para consultas do pré-natal, realizadas por telemedicina. O atendimento é feito com ajuda da técnica de enfermagem Cristina Riateque, que, nas horas vagas, ajuda a mãe, Ana Maria da Costa, a vender mandioca também pelo celular.

O trio vive na comunidade ribeirinha de Boa Esperança e arredores, no município de Manicoré (AM), que fica a 350 quilômetros de Manaus. O trajeto pode ser feito em 13 horas de lancha. Na mesma vila, cerca de 50 pessoas abrigam conta bancária pela internet para receber benefícios do governo do Estado. É o caso do programa Guardiões da Floresta, destinado a moradores de unidades de conservação ambiental envolvidos em atividades econômicas sustentáveis ou ações de preservação.

Nada disso seria possível sem acesso confiável à energia elétrica

— raridade para comunidades da floresta, geralmente dependentes de geradores, que só funcionam por algumas horas, ou da rede elétrica, volta e meia danificada por chuvas e quedas de árvores. Para Boa Esperança, a solução veio da energia solar, por meio de projeto da Fundação Amazônia Sustentável (FAS) em parceria com Dell Technologies, Intel e a ONG britânica Computer Aid International.

Com o nome de Solar Community Hub, a iniciativa leva, desde 2021, energia e internet gratuitas à sede comunitária, construída com dois contêineres e aberta aos 136 moradores da vila e outros cerca de 1.500 de dez comunidades próximas. Além de iniciativas na área de saúde, educação e inclusão digital, o projeto permite o monitoramento ambiental da região.

Entre os 140 alunos que aproveitam a estrutura para aulas está Hipy, que já fez dois cursos de informática e agora está no segundo ano da graduação a distância em ciências contábeis. "O aprendizado e o acesso à internet me ajudam a estruturar a Lu Modas, que abri no mês passado para vender roupas que compro on-line", diz.

Entre os cursos mais procurados, estão os de turismo, com parte das aulas presenciais e parte on-line, a cargo de professores do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (Cetam). "Queremos incentivar atividades econômicas que colaborem para a preservação da floresta", diz Valéria Solitude, superintendente de desenvolvimento sustentável da FAS.

Outro curso da fundação, em parceria com o Instituto de Desenvolvimento Agropecuario e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas, ajudados Costa a aumentar o lucro da venda de farinha de mandioca. "Aprendi a produzir com melhor qualidade para vender por um preço maior", conta. Com as novas técnicas, ela cobra de R\$ 8 a R\$ 16 pelo litro (medida utilizada na região), conforme o tipo de farinha, em comparação a R\$ 1,50 do produto feito pelo método tradicional. "Agora que temos internet, posso vender por WhatsApp e receber por Pix", diz.

Seu plano é se juntar a outros produtores para lançar uma marca. "Queremos padronizar a farinha e vender on-line". Enquanto o lançamento não chega,

a filha lhe dá uma mão. "Ajudo na divulgação e quero criar uma conta para minha mãe postar vídeos do produto no Instagram".

E não é só no marketing que a internet ajuda. No horário de expediente, Riateque conta com o apoio on-line de uma enfermeira. "Eu relato o caso pela plataforma de tele-saúde, e ela me diz que medida tomar", conta. "O sistema não seria possível com a energia da rede elétrica, que pode faltar por semanas", diz o responsável local pelo projeto, Rivelino Carvalho.

Boa Esperança recebe a visita do médico uma vez por mês, mas as teleconsultas podem ser marcadas a qualquer momento. "Antes, se alguém precisasse de atendimento quando o doutor não estava, era preciso pegar o barco até o centro de Manicoré", conta Carvalho. Nos seus cálculos, a viagem de ida e volta, de até três horas de barco, custa entre R\$ 56 e R\$ 400 em óleo e combustível, conforme o tipo de embarcação. "É muito caro, até porque a maioria das pessoas aqui vive da roça, com menos de um salário mínimo", ressalta.

No pilar ambiental, o projeto capacitou sete jovens locais para o



Siraem Kaiabi Ikpeng foi treinado para instalar sistemas fotovoltaicos

monitoramento de áreas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Amapá, com ferramentas de GIS e medidas como acompanhamento de roçados, formas de uso do solo, levantamento de dados de produção madeireira e

leitura de mapas obtidos por satélite. "Com base nos dados e informações de georreferenciamento, a comunidade pode acionar os órgãos responsáveis pela fiscalização, como Ibama", afirma Leonardo Tiaraju, gerente de ESG da Dell.

Iniciativas comunitárias beneficiam aldeias no Xingu

De São Paulo

Siraem Kaiabi Ikpeng vive no Território Indígena do Xingu, no Mato Grosso. Juventino Costa mora em uma das oito ilhas do arquipélago do Bailique, no rio Amazonas, no Amapá. Em comum, ambos não têm acesso ao Sistema Nacional de Energia Elétrica. Para enfrentar a situação,

no Xingu, pelo menos 105 aldeias contam com sistemas fotovoltaicos comunitários, instalados pelo Instituto Socioambiental (ISA), em projeto iniciado em 2015, com a doação de US\$ 1 milhão da fundação americana Charles Stewart Mott

No Amapá, a infraestrutura comunitária é mais tímida: quatro freezers movidos a energia

solar compartilhados pela população para obtenção de gelo, em projeto-piloto do Greenpeace.

Nos locais, além das iniciativas comunitárias, equipamentos fotovoltaicos particulares são comuns, mas muitas vezes suficientes só para iluminação, TV e carregamento de celular. No Xingu, parte desses sistemas é instalada por Ikpeng — um dos

138 indígenas treinados pelo programa do ISA, em parceria com Schneider Electric e Universidade de São Paulo (USP).

Foi ele também quem instalou a estrutura comunitária de energia solar em sua aldeia, Kumari, com 30 moradores, no Xingu Central. "Até 2016, só tínhamos a energia do gerador por algumas horas. Se alguém fi-

cava doente tarde da noite, não dava para atender", diz.

"A energia solar melhorou a logística vacinal, já que agora dá para ter freezers para o gelo utilizado no transporte das vacinas", afirma Marcelo Martins, articulador territorial do ISA.

No Bailique, os freezers são compartilhados por moradores para uso doméstico e transporte

de alimentos. A iniciativa nasceu em 2019 de um projeto do Greenpeace para geração de renda na região, com investimento em R\$ 120 mil. "Com o gelo, os moradores podem levar peixes e polpa de açaí para vender em comunidades maiores", diz Marcelo Laterman, coordenador da campanha de oceanos e energia do Greenpeace. (CP)

Encontrar as melhores soluções em energia ficou tão fácil quanto acender a luz.

reenergise

Descubra a (re)energisa.

Fontes Renováveis

Mercado Livre de Energia

Serviços que garantem economia e eficiência

O mercado de energia evolui a cada dia. Mas acompanhar e gerar mais eficiência pro seu negócio é fácil. É só falar com quem mais entende do assunto.

(re)energisa

Todas as soluções em energia em um só lugar.

Aponte sua câmera para o QR Code e conheça nossas soluções.